



ALTERAÇÕES NO GRAFISMO TELEVISUAL NO JORNAL NACIONAL: ATUALIZAÇÕES NAS TIPOLOGIAS BASEADAS EM CARACTERÍSTICAS EMERGENTES¹

CHANGES IN TELEVISUAL GRAPHICS IN THE JORNAL NACIONAL: UPDATES IN TYPOLOGIES BASED ON EMERGING CHARACTERISTICS

CAMBIOS EN GRÁFICAS TELEVISUALES EN EL JORNAL NACIONAL: ACTUALIZACIONES EN TIPOLOGÍAS EN FUNCIÓN DE CARACTERÍSTICAS EMERGENTES

Ana Juliana Fontes²

Resumo: Com as constantes mudanças advindas da inovação tecnológica e novas formas de produção de notícias, o Jornal Nacional passou por algumas alterações, em suas rotinas, no cenário, na imersividade, na influência do jornalismo multitelas, entre outras. Essas mudanças, possivelmente, também refletiram no seu grafismo televisual (recursos gráficos utilizados para compor a narrativa). O artigo tem como objetivo comparar e verificar tais características nesses recursos, avaliando edições do telejornal no ano de 2024, por meio de uma análise de conteúdo. Com o estudo, é possível identificar o que poderia influenciar em sua composição e a necessidade de atualização de suas tipologias e usos.

Palavras-chave: telejornalismo; grafismo televisual; visualidades; cenário; recursos gráficos.

Abstract: With the constant changes arising from technological innovation and new forms of news production, Jornal Nacional has undergone some changes, whether in its routines, setting, immersiveness, the influence of multi-screen journalism, among others. These changes have possibly also been reflected in its television graphics (graphic resources used to compose the narrative). The article aims to compare and verify such characteristics in these resources, evaluating editions of the newscast in the year 2024 through a content analysis. With the study it would be possible to identify what could influence its composition and the need to update its typologies and uses.

Keywords: television journalism; television graphics; visualities; setting; graphic resources.

Resumen: Con los constantes cambios derivados de la innovación tecnológica y las nuevas formas de producción de noticias, Jornal Nacional ha sufrido algunos cambios, ya sea en sus rutinas, la ambientación, la inmersión, la influencia del periodismo multipantalla, entre otros. Estos cambios posiblemente también se reflejaron en su gráfica televisiva (recursos gráficos utilizados para componer la narrativa). El artículo tiene como objetivo comparar y verificar tales características en estos recursos, evaluando las ediciones del noticiero en el año 2024 a través de un análisis de contenido. Con el estudio se podría identificar qué podría influir en su composición y la necesidad de actualizar sus tipologías y usos.

1 Parte do trabalho foi apresentado como resumo expandido no GP de Telejornalismo no 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2024 –, com aporte teórico de outros trabalhos e congressos, devidamente citados e referenciados.

2 Doutoranda no programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, na área de mídias do conhecimento (EGC - UFSC). Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2014) e graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Pará - UFPA (2008). juliannafontes@gmail.com

Palabras clave: periodismo televisivo; gráficos televisivos; visualidades; guión; recursos gráficos.

INTRODUÇÃO

O telejornalismo passa por uma série de mudanças advindas com os avanços tecnológicos, e os ambientes digitais surgem constantemente com “novas roupagens” (Duarte, 2020), desde suas rotinas, nos cenários, nas formas de circulação e consumo do conteúdo, nas produções e interação com o público, em suas narrativas e nas reconfigurações advindas com a covid-19 (Pereira, Coutinho, 2023; Mello Silva, 2017). A constante necessidade de reinventar as linguagens e os mecanismos expressivos, utilizados nos produtos televisivos resultam em produções, que manifestam uma variedade de recursos para fomentar maior visualidade no processo comunicativo, integrando sua estrutura e linguagem. As imagens utilizadas nessas produções, além daquelas capturadas pela lente da câmera, também podem ser manipuladas por computador e, inclusive, atualmente, por meio de Inteligência Artificial (IA).

Em outros trabalhos (Fontes, 2014; 2016) já foram propostas tipologias e alguns usos para os recursos gráficos identificados no *Jornal Nacional* (JN), os quais fazem parte do grafismo televisual (Machado, 2003; 2015), sendo eles categorizados conforme definição proposta nesses trabalhos, como: quadros complementares; texto destaque; fotografias, pinturas e ilustrações; gráficos; mapas; ilustrações animadas; holografias; infografias telejornalísticas. Contudo, como já foi dito, com a evolução natural dos produtos, o telejornalismo também vem sendo moldado por novas práticas e reformulando antigas abordagens, por meio de inovações tecnológicas, que influenciaram mudanças em maior ou menor grau na proposta dessas tipologias e nas características que as constituem.

O artigo tem como questão norteadora: quais as características do telejornalismo atual que podem influenciar alterações no **grafismo televisual do *Jornal Nacional*** (JN), podendo alterar, complementar ou atualizar a proposição de tipologias e usos anteriormente abordados por Fontes (2014; 2016). Objetiva-se comparar e verificar tais características e as reconfigurações nesses recursos por meio de sua influência em sua composição. Além da introdução, o artigo está dividido em procedimentos metodológicos e mais três seções, que contemplam um aporte teórico sobre o grafismo televisual, na primeira; a segunda, com a revisão das tipologias propostas por outros trabalhos e a última seção, que compara e elenca as contribuições e influências das características emergentes do telejornalismo nas produções.

Os usos do grafismo televisual e suas unidades no *Jornal Nacional* (JN)

O “*graphics*” abrange toda a representação dos códigos gráficos (traços e sinais gráficos), fotográficos, icônicos (em maior ou menor ordem de abstração), elementos tipográficos e a combinação deles. O *motion graphics* (gráfico em movimento ou animado), então, seria o audiovisual de natureza gráfica com movimento. Ademais, o grafismo televisual seria toda essa gama de recursos que compõem o fluxo visual dos programas, bem como também as apresentações de créditos, as chamadas e toda sorte de elementos visuais que se sobrepõem às imagens figurativas captadas pela câmera (Machado, 2003; 2015).

Na TV, suas primeiras aparições remetem à “concepção e criação da identidade das emissoras, além das vinhetas, quadros de interprogramação³, logomarcas e *spots* de propaganda dos patrocinado-

³ Os quadros de interprogramação eram cartões estáticos, que tinham traços inspirados em desenhos do Walt Disney e no desenhista brasileiro Luiz Sá, que ficavam no ar entre um programa e outro, permitindo, assim o tem-

res” (Fontes, 2016). O grafismo televisual (da TV) trata do fluxo visual como um todo, que complementa o padrão gráfico concebido e pensado para cada programa, sendo influenciado pelo cinema e potencializado pelo advento da computação gráfica (Machado, 2003; 2015). A imagem gráfica é definida pelo autor como imagens técnicas, processadas por computador e que recorrem a certos aspectos da realidade, sendo diferente da figurativa, pois “visa a produzir um efeito de realidade, a imagem gráfica pratica uma estilização, uma redução ao essencial em termos visuais, que pode chegar até a abstração pura” (Machado, 2015, p. 244).

Elas são bidimensionais (sendo tridimensional a holografia) e podem simular profundidade com técnicas diversas; os traços coincidem com os limites do seu ‘quadro’, enquadramento; tem ênfase na montagem, sendo geradas eletronicamente e digitalmente (acrescendo aqui por considerar a solidificações dos meios digitais) (Machado, 2015, p. 242-244).

O conceito de grafismo televisual proposto por Arlindo Machado (2003; 2015) é amplo, mas como as unidades analisadas são predominantemente de natureza informativa e jornalística, há uma distinção de outros elementos também pertencentes ao grafismo televisual, como os logotipos, as vinhetas, as tipografias, os geradores de caracteres (GC) e, até mesmo, a própria vinheta em si (que dá o tom ao programa), porém atuam mais diretamente na construção da identidade visual (*layout*) e na identificação do produto.

Por isso, para focar somente nas unidades de elementos gráficos dentro dos VT’s e das apresentações ao vivo no telejornal, compartilha-se do termo operacional “unidades infotelejournalísticas” (Fontes, 2014), que pode assim ser entendido:

Unidades, primeiramente, porque, apesar de estarem dentro de cada produto - e por isso compreendidos em conjunto – têm funções e finalidades nesse espaço. Depois, por tratar-se de informação jornalística dentro de produtos, como o próprio telejornal, além de terem uma estrutura que os diferencia enquanto tal, mesmo estando atreladas às marcas de constituição conferidas pelo suporte (televisão, meio audiovisual) e às características que permeiam o telejornalismo em sua natureza. Com base nessas observações, é necessário esclarecer que o termo adotado integra o conceito mais amplo de grafismo televisual (Fontes, 2014, p. 37).

Essas unidades seriam componentes narrativos dos produtos apresentados na edição de telejornal, encontradas em reportagens, notas, entrevistas e notícias, quadros de previsão do tempo e nas partes ao vivo, não sendo evidenciada a existência de produtos compostos exclusivamente por essas unidades infotelejournalísticas. Para a autora, nessas unidades, “a condução da narrativa é feita pelo texto em *off* e pela apresentação do elemento tipográfico (códigos verbais) que complementa ou adiciona partes significativas do conteúdo em conjunto com o elemento icônico, componente visual da mensagem” (Fontes, 2014, p. 50). O uso desses recursos se fundamenta na necessidade de recorrer a elementos visuais gerados por computação gráfica ou IA, especialmente quando a captura de determinadas imagens pela lente da câmera não é viável. Nesses casos, torna-se essencial criar representações visuais, que simulam a mesma natureza das imagens obtidas pelas gravações. Além disso, essas unidades também são empregadas quando é preciso destacar informações sob ângulos específicos e diferenciados, os quais não poderiam ser obtidos por uma filmagem convencional. Nessas situações, o foco principal reside na

po para a equipe preparar a próxima atração da programação.

visualização dessas particularidades, o que facilita uma apresentação mais clara e precisa da informação.

Na televisão, tudo é visual, e a imagem desempenha um papel fundamental na conexão com o que é mostrado, criando uma proximidade com a realidade que se busca retratar. No telejornalismo, é imprescindível “tornar visível” a informação ao público, por isso, é importante compreender tais produções e suas aplicações.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O artigo é uma pesquisa empírica e qualitativa, tendo como método a Análise de Conteúdo para interpretação dos dados. Baseado nos estudos de Laurence Bardin (2015), esse método permite a interpretação sistemática e objetiva de formas de comunicação (Bardin, 2015, p. 32), sendo possível aplicar também em análises visuais. É composto por três etapas principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados/interpretação. Tem como amostragem de pesquisa seis meses de edições do telejornal – sendo coletados episódios da última semana de cada mês (janeiro até junho de 2014, totalizando o *corpus* de 36 episódios⁴), com materiais que continham quaisquer recursos gráficos exibidos no telejornal. A escolha do Jornal Nacional se dá por ele ser referência na grade televisiva aberta e porque tem seu padrão de qualidade como influência para outras produções, além de que, dessa forma, seria possível fazer uma comparação com o estudo original das tipologias já propostas, evidenciando possíveis alterações.

Na ETAPA 1 – pré-análise – os episódios do telejornal foram coletados e selecionados para identificar os elementos gráficos e visuais utilizados a partir de um protocolo de seleção. Os critérios de inclusão foram: (a) estar presente dentro do período da amostra coletada; (b) ser parte integrante do telejornal veiculado na TV; (c) ter presença de qualquer recurso gráfico ou tipográfico no *videotape* (VT) ou ao vivo.

Na ETAPA 2 – exploração do material – esses elementos foram categorizados com base em suas características visuais semelhantes e ou adaptadas de recursos gráficos. Finalmente, na ETAPA 3 – tratamento dos resultados/interpretação – foram identificados os padrões de uso dentro da narrativa jornalística e comparados com as tipologias já propostas por Fontes (2014; 2016), a fim de verificar as possíveis atualizações baseadas na influência das características emergentes do telejornalismo, que passaram por modificações ao longo de dez anos, sendo observadas na composição do telejornal (JN). Para atender à questão norteadora, apresentada na introdução, o objetivo “comparar (f2) e verificar as características e as reconfigurações nos recursos por meio da sua influência em sua composição (f3)” direcionou a divisão das seções e das etapas de análise (etapas 2 e 3 da metodologia empregada).

Tipologias para os recursos gráficos no telejornal

4 Apesar do artigo contemplar o corpus de seis meses de edições, a pesquisa ainda está em andamento para contemplar episódios até o final do corrente ano. Isso porque a busca por subtipos ou novas tipologias precisariam de maior acompanhamento, já que foram identificadas poucas mudanças. Isso também é gancho para que próximos trabalhos possam explorar a apresentação dessas tipologias em outras plataformas.

Como mencionado na introdução, Fontes (2014) propôs oito tipologias (com variações e subtipos) para os recursos encontrados⁵ no Jornal Nacional, sendo eles: quadros complementares; texto destaque; fotografias, pinturas e ilustrações; gráficos; mapas; ilustrações animadas; holografias; infografias telejornalísticas. Essas unidades estão integradas à linguagem de cada produção e dependem do contexto em que estão inseridas, além da função informativa que desempenham, enquanto mensagem visual, elas são utilizadas para compor a narrativa de cada material de maneira dinâmica e variável. Por mais que se baseiem, em sua maioria, em recursos e manifestações gráficas já estipuladas com o jornalismo visual (as tabelas, os gráficos, os mapas, as infografias, etc.) apresentam a combinação desses diferentes tipos com outros elementos, adaptando suas estruturas para o meio audiovisual.

Para compreensão e verificação de possíveis alterações nas tipologias, é preciso retomar cada uma delas, resumidas nos quadros abaixo com suas variações (definidas pela mesma intenção de apresentação) e seus subtipos (são baseados na diferença de intenção informativa na apresentação de sua tipologia macro). As amostras dos recursos são de reproduções do JN, ainda em 2013 (tempo da primeira coleta), com imagens originais da pesquisa da autora, para garantir que a comparação possa ser feita em relação aos recursos e disposições atuais. O primeiro quadro mostra as tipologias mais focadas na informação verbal textual. Geralmente utilizadas para destacar, reforçar ou direcionar o olhar do telespectador (Quadro 1, abaixo), tendo apenas variações em suas aparições.

O segundo quadro mostra as tipologias focadas em dados estatísticos e de localização, nos quais a informação presente nas variáveis de quantidade e de localização fazem diferença em relação à narrativa, precisando ser contextualizados para melhor visualização dos dados (Quadro 2 – e seus subtipos, abaixo).



Quadro 1 - Tipologias de texto destaque e quadros complementares

<p>TEXTO DESTAQUE</p> 	<p>QUADROS COMPLEMENTARES</p> 
<p>São elementos tipográficos usados ao longo da narrativa juntamente com a locução em off e as imagens em movimento. Orientam o que se deseja por em evidência no material; são forma complementar ou adicional ao conteúdo, melhorando a visualização ou fixação de aspectos da narrativa. Os elementos tipográficos, as cores e a grafia têm como finalidade básica chamar a atenção ou direcionar o telespectador para alguns trechos do texto da narrativa em off.</p> <p>VARIAÇÃO: TEXTO DESTAQUE EM DOCUMENTOS E SITES</p> <p>Apresentam documentos ou sites com realce a partes de texto com informações importantes</p>	<p>Os quadros são geralmente similares a tabelas, apresentam dados de forma concomitante e contínua. Destacam particularidades ou evidências com informações tipográficas (podendo haver elementos icônicos também), que apresentam o conteúdo quando há necessidade de complementaridade da narração em off, podendo ser igual ou parcialmente diferente do texto em áudio.</p> <p>VARIAÇÃO: QUADROS COMPLEMENTARES DE TRANSCRIÇÃO</p> <p>Utilizados para ilustrar e transcrever ligações telefônicas</p>

Fonte: Reprodução de imagens do JN, adaptado de Fontes (2014; 2016).

5 O trabalho é fruto da dissertação de mestrado, na qual a autora analisou quatro meses de telejornal, em 2013, selecionando sempre a segunda semana de cada mês (seis dias de exibição), totalizando a coleta de 24 edições, com 175 produtos selecionados do JN que continham quaisquer tipos de recurso gráfico em sua composição.

Quadro 2 - Tipologias de Gráficos e Mapas

<p>GRÁFICOS</p>  <p>Variáveis dos dados dispostas - correlação com números e estatística</p>	<p>MAPAS</p>  <p>Utilidade de localização, de identificação de uma área ou detalhe</p>
<p>Descrevem resultados ou dados diferentes em sequência. Tem o intuito de agrupar as informações ou sintetizá-las, fazendo correspondência por meio de suas proporções com as informações narradas. Geralmente as variáveis dos dados complementam ou destacam elementos da narrativa com cores e a tipografia em destaque (Peltezer, 1991).</p> <p>SUBTIPOS (BASEADOS EM PELTZER, 1991, P. 126 -129)</p> <p>(a) Retilíneo: blocos de colunas retas na horizontal ou vertical, com o total das variáveis divididos na própria coluna;</p> <p>(b) Linear ou de febre: Indicam, mensuram ou preveem tendências. Tem linhas pontilhadas ou simplesmente traços, fazendo as correspondências dos dados;</p> <p>(c) Ortogonal ou de barras: Estruturam-se em bloco de coluna(s), verticais ou horizontais, diferenciadas por cores ou texturas.</p>	<p>Apresenta o elemento icônico (cartográfico) juntamente com a tipografia. Refere-se à localização geográfica, parte dela ou o contexto da mesma para situar o telespectador no espaço correspondente ao conteúdo da narrativa (Peltezer, 1991; Sancho, 2001).</p> <p>SUBTIPOS</p> <p>(a) Mapas indicativos de localização: A informação espacial geralmente é a principal. São utilizados para que a partir de seu sentido geográfico o público possa visualizar a indicação de um local;</p> <p>(b) Mapas complementares contextuais: mantém o intuito de localização, mas há uma contextualização do conteúdo fazendo analogias com a localização geográfica para complementar e contextualizar partes do conteúdo;</p> <p>(c) Mapas meteorológicos (Peltezer, 1991, p 137): espécie própria de mapa com função de mostrar previsão do tempo; apresentações climáticas de monitoração e presciência.</p>

Fonte: Reprodução de imagens do JN, adaptado de Fontes (2014; 2016).

Já o terceiro e o quarto quadro mostram as tipologias onde a imagem começa a ter uma prevalência maior, são peças fundamentais para visualizar e complementar o que está sendo apresentado, muitas vezes sem as quais a narrativa ficaria empobrecida ou o entendimento menos facilitado (Quadro 3 e 4 – com subtipos, respectivamente, abaixo).

Quadro 3 - Tipologias de holografias; ilustrações animadas; fotografias, pinturas e ilustrações (estáticas)

<p>FOTOGRAFIAS, PINTURAS E ILUSTRAÇÕES</p>  <p>Seleção de enquadramentos e planos, cunho registro elucidativo, histórico</p>	<p>HOLOGRAFIAS</p>  <p>Elementos como parte dos cenários, são impalpáveis</p>	<p>ILUSTRAÇÕES ANIMADAS</p>  <p>Imagens ilustrativas animadas</p>
<p>São usadas como elemento estático dentro da estrutura da narrativa audiovisual, principalmente quando sua utilização traz informações importantes, podendo demonstrar acontecimentos que a filmagem não conseguiu capturar ou que já ocorreram.</p>	<p>As holografias são o registro da exposição de imagens com características tridimensionais de objetos, pessoas, fenômenos e acontecimentos em algum meio; os hologramas são as imagens holográficas. Seu uso permite ao narrador atuar entre e/ou de forma participativa junto às informações, dando uma ideia de interação com os elementos.</p>	<p>Engloba representações imagéticas de objetos, pessoas e acontecimentos inseridos ao longo do vídeo com o caráter ilustrativo, ou seja, são analogias figurativas que são utilizadas para mostrar uma determinada mensagem. Tem movimento e incluem o código sonoro (locução) em sua composição. O nível de realismo ou abstração - cor, materiais, escala e composição - que o ilustrador cria influência a compreensão da mensagem (Trumbo, 2002).</p>

Fonte: Reprodução de imagens do JN, adaptado de Fontes (2014; 2016).

Quadro 4 - Tipologias de infografias telejornalísticas

INFOGRAFIAS TELEJORNALÍSTICAS



Presença indissociável de imagem e texto - compreensão de um fenômeno específico (elementos do audiovisual)

No telejornalismo podem se diferenciar de uma animação propriamente dita, principalmente, pela manutenção da inter-relação indissociável entre texto e imagem conduzidos por uma narrativa (locução e texto), e ainda, pela função informativa que exercem. Concorde-se com Teixeira (2010) que as compreende como um subproduto do gênero informativo, ou subgênero, propondo que a infografia deve se dar a partir da inter-relação indissociável entre o texto e imagem conduzidos por uma narrativa.

SUBTIPOS

- (a) **Infografia telejornalística de reconstrução:** O acontecimento já ocorreu ou não foi possível obter imagens gravadas, então são usadas quando é possível reconstituir um acontecimento, mostrando planos e informações em detalhes;
- (b) **Infografia telejornalística explicativa:** Descreve e explica um acontecimento (que pode ainda não ter ocorrido), mensurado como uma espécie de passo a passo das informações no decorrer de cada plano em complementaridade com as tipografias e o texto da narração;
- (c) **Infografia telejornalística de simulação:** Simulam algum experimento ou fenômeno. As informações apresentadas são baseadas na apuração jornalística e dispõem-se de forma animada, com intuito inclusive de mostrar detalhes adicionais e simplificar o entendimento a partir da visualização em partes do fenômeno.

Fonte: Reprodução de imagens do JN, adaptado de Fontes (2014; 2016).

Tais recursos, quando utilizados no audiovisual, teriam características diferenciadas, por conter elementos da própria linguagem do meio audiovisual: áudio+vídeo. Além disso, essas imagens (imagens técnicas geradas por computador) atuam com o texto da locução em conjunto com a presença, ou não, de elementos tipográficos, sendo intercaladas por imagens gravadas e intervenções/interações dos apresentadores do telejornal (Fontes, 2014, p. 38). Por sua vez, como produção no telejornalismo, destacam-se por mudanças, não somente no que diz respeito ao suporte e a sua estrutura, mas, principalmente, relacionadas às técnicas e a própria lógica produtiva conferidas nos programas. Ou seja, é preciso compreender esses recursos juntamente com a linguagem que constitui esse meio, sua programação, a temporalidade (duração curta, imediatista), a entonação (dinamicidade, indica ou destaca informações), a narrativa (factual, direta e objetiva), a credibilidade (presente na apuração e busca de informações precisas), constante atualização tecnológica dos produtos que interferem diretamente na articulação e no encadeamento das produções, conforme elencado no tópico a seguir.

Atualizações para as tipologias baseadas em características emergentes do telejornalismo

Já que a emergência do cenário digital tem intensificado o uso de modelagens e animações, no telejornalismo isso também é perceptível. Apesar de não fazerem parte das tipologias, pode-se verificar no JN, de forma nítida, a mudança ocorrida no cenário e na vinheta, isso porque esses elementos

influenciam o *layout* dos recursos gráficos. O cenário e as bancadas ganharam aspectos 3D (ocorrido em 2019) e sua vinheta apresentou uma nova identidade (em dezembro de 2021). A sua abertura vem remetendo à ideia de um panorama 360 graus na redação⁶, sendo integrada com sua bancada (Figura 1, abaixo), sugerindo uma imersão dentro do próprio telejornal com o uso de realidade aumentada, na qual “a base é o ambiente real que é enriquecido por informações digitais” (Mello Silva, HiguchiYana, 2019). Essa proposição também coincide com a exibição da história “em-se-fazendo” (Duarte, 2020, p. 120), ou seja, parece estar sendo sempre complementada, atualizada constantemente, remetendo, inclusive, à interação da cenografia da redação, ao fundo (Musse, Chaves e Musse, 2020).

Figura 1 - Nova vinheta de abertura – Jornal Nacional (iniciada em 2017)



Fonte: Reprodução do Jornal Nacional, 2024.

A concepção visual dos recursos gráficos segue o mesmo padrão implementado pela vinheta, com aspectos de maior transparência, uma tendência mais moderna e tecnológica “ao retratar o tempo hiperconectado em que vivemos”, como bem definiu o diretor de arte, Alexandre Arrabal⁷ (2019). No exemplo da tipologia “quadro complementar” (Figura 2 abaixo, à esquerda), é possível verificar essa padronagem. A convocação dos repórteres em quadros como o de previsão do tempo (Figura 2, abaixo) surge a partir de outros cenários, multiplicidade de telas – que registram a interação e fragmentos de outros locais, apresentadas simultaneamente (Duarte, 2020), o que na categorização das tipologias iniciais era marcado unicamente pela presença de “holografias”, ao invés dessa interação de telas. O tom da narrativa atua de forma mais intimista e informal (Musse, Chaves e Musse, 2020), remetendo sempre a uma proximidade.

Figura 2 - Exemplo “Quadro destaque” e multitelas no quadro previsão do tempo



Fonte: Reprodução do Jornal Nacional, 2024.

⁶ Mesmo não sendo um vídeo 360° e, sim, filmado por um travelling, conforme apontou Alexandre Arrabal, diretor de arte do JN em entrevista concedida pelos 50 anos de história do telejornal.

⁷ Diretor de Ilustração e Arte, responsável pelo cenário e pelo visual dos programas jornalísticos e esportivos da Globo entre 1992 e 2023. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/alexandre-arrabal/noticia/alexandre-arrabal.ghml>

Imagens fornecidas por telespectadores, produzidas por *smartphones*, são utilizadas como contribuição das narrativas, ponto esse advindo principalmente com a pandemia de covid-19 (Pereira, Coutinho, 2023) e entram no padrão gráfico já estipulado para manter a identidade, principalmente, dentro da tipologia do agrupamento “fotografias, pinturas e ilustrações”.

Outra característica evidenciada foi que o próprio cenário também é “palco” de contextualização das reportagens, como se o âncora estivesse dentro de suas narrativas. O fundo, em alguns momentos, traz imagens, fotografias ou ilustrações condizentes com o que está sendo dito pelo apresentador e tem relação direta com a cobertura do texto (Figura 3, abaixo).

Figura 3 - Exemplo de fotografias e imagens contextualizadas como *background* no cenário



Fonte: Reprodução do Jornal Nacional, 2024.

Apesar de trazer a sensação de imersão, não se pode dizer que trata de uma experiência imersiva propriamente dita, por conta que não há autonomia de interação do telespectador com a imersão, já que o jornalismo imersivo “tem o objetivo de potencializar a relação com o telespectador, ampliando os limites da tela e diminuindo a distância com o fato noticiado, por meio de recursos amparados nas realidades virtuais e aumentada” (Melo Silva, HiguchiYana, 2019, p. 44).

Além dessas características evidenciadas, outras podem ser observadas, como é o caso de gráficos e mapas mais enxutos e maiores (algumas vezes incorporados no cenário ou atrás do apresentador), provavelmente, para competir com a apresentação em outras plataformas além da TV aberta (Figura 4, abaixo).

Figura 4 - Exemplo de gráficos e mapas



Fonte: Reprodução do Jornal Nacional, 2024.

As ilustrações e as infografias seguem o mesmo padrão gráfico, objetos mais enxutos e com menos informações. Sendo assim, de um modo geral, comparando-as às tipologias anteriormente propostas, parece não ter havido grandes mudanças, principalmente em suas nomenclaturas, mantendo a

mesma base de agrupamento. Contudo, conforme levantado até aqui, nas características que as constituem, sim, houve mudanças – o que influencia diretamente no *layout*, na forma de apresentação, mas não em seu agrupamento inicial ou subtipos. Seria preciso mais elementos e tempo de acompanhamento (já que a pesquisa ainda está em andamento e tem a intenção de coletar episódios, até o final do corrente ano) para identificar a necessidade de novas categorias, por isso a pesquisa segue em andamento e abre possibilidades para trabalhos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve como objetivo verificar possíveis mudanças nas tipologias e nas reconfigurações de recursos gráficos por meio da influência das características do telejornalismo atual em sua composição. Afinal, identificar essas nuances é fundamental para levantar os princípios que poderiam reger novas tipologias. Ainda assim, mesmo com novos aportes tecnológicos, não foi evidenciada a necessidade de criar novas tipologias dentro das que foram identificadas anteriormente. Isso pode ter se dado pelo Jornal Nacional ser um programa muito tradicional e que tem uma estrutura muito bem demarcada e com padrões clássicos a serem mantidos em sua exibição base, que é na televisão. Ou seja, os princípios básicos que nortearam o agrupamento das tipologias dos recursos pouco foram modificados, mas sua gramática e forma representativa foi influenciada por ajustes, devido às características emergentes e preliminares evidenciadas.

Ademais, foi possível identificar que os recursos gráficos ganharam maior amplitude e profundidade, remetendo aos aspectos que surgem do próprio cenário e sua concepção visual. Mais uma evidência de que o grafismo televisual está imbricado em todo o fluxo visual dos programas e é agente definidor da condução das peças gráficas e *design*.

Mesmo com a pandemia, na qual o uso de recursos gráficos foi consideravelmente maior, foi observado que, com a dinamicidade, a rapidez das notícias (pautadas em outros meios mais rápidos, como a *web* e redes sociais), que surgem ao longo do dia e refletem diretamente na composição do espelho final do telejornal, possivelmente pautam mais as matérias de última hora, as quais são pouco produzidas e não apresentam muitos recursos gráficos.

A maioria dos recursos apresentados no telejornal fazem o uso de modelos que parecem ser pré-desenhados, pois se apresentam de forma muito semelhantes uns com os outros dentro dos produtos, o que pode sugerir tanto uma tentativa de criação de identidade, quanto o uso de modelos pré-prontos para facilitar a edição e, conseqüentemente, sua inserção dentro das matérias, devido ao tempo reduzido de produção de um telejornal diário. Isso também pode ter influenciado que não houvesse tamanhas mudanças nas tipologias.

A disposição e os contornos desses elementos icônicos apresentaram disposição simétrica, ou seja, um molde simples e formas enxutas, relativamente harmônicos em relação às fontes, cores, profundidade, disposição e organização espacial utilizadas, permitindo o reconhecimento dos objetos. Não existe uma distância cromática entre elas, ou seja, as cores utilizadas são reduzidas em uma paleta específica, predominando o uso das cores primárias, com pequenas variações de tonalidade para as cores secundárias.

Por fim, é possível concluir que sendo elementos do JN, um dos mais antigos e tradicionais telejornais, os recursos têm como fundamento manter suas marcas próprias e agregar na potencialidade das informações de forma mais padronizada e linear com sua identidade visual já consolidada.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, nova edição, 2016.

DUARTE, E. Telejornais – Novas tendências estruturais. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO (Orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. 1º ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020, p. 119-127.

FONTES, A. J. **Unidades infotelejournalísticas no Jornal Nacional**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2014.

_____. O Grafismo Televisual e Sua Utilização Como Recurso Informativo no Telejornalismo. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. **Anais eletrônicos...** Curitiba, PR, maio de 2016.

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. 3. ed. - São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

_____. Por um audiovisual gráfico. Rebeca – Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, 2015, v. 4, n. 1. Disponível em: <https://doi.org/10.22475/rebeca.v4n1.168> Acesso em: 29 jun. 2024.

MELLO SILVA, E. **Bases Epistemológicas do Telejornalismo: entre a teoria e a prática**. In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2017, São Paulo, SP. Anais eletrônicos [...] São Paulo: ECA/USP, 2017.

MELLO SILVA, E.; KEY HIGUCHIYANAZE, L. Narrativas jornalísticas com Vídeos 360: aspectos históricos e conceituais do telejornalismo imersivo. **Lumina**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 29–46, 2019. DOI: 10.34019/1981-4070.2019.v13.26057. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/26057>. Acesso em: 29 jun. 2024.

MUSSE, C.; CHAVES, A. P; MUSSE, MARIANA FERRAZ: Os cenários do telejornalismo em tempos de pandemia. In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. **A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis, SC, Editora Insular, 2020, p. 223-237.

PEREIRA, G.; COUTINHO, I. Telejornalismo e desinfodemia: Reflexões sobre novas práticas e processos produtivos pós pandemia Covid-19. In: 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2023. Minas Gerais-MG. **Anais Eletrônicos...** Minas Gerais: PUC-Minas, 2023.

PELTZER, G. **Periodismo Iconográfico**. Madrid: Ediciones. Rialp, 1991.

SANCHO, J. L. V. **La infografía: técnicas, análisis y usos periodísticos**. Bellaterra: UAB, 2001.

TEIXEIRA, T. **Infografia e Jornalismo: Conceito, análises e perspectivas; prefácio Luiz Iria**. Salvador: EDUFBA, 2010.

TRUMBO, J. **Typography**. In: LESTER, P. M.; HARRIS, C. **Visual Journalism: a guide for new media professional**. Boston: Allyn and Bacon, 2002.

SUBMISSÃO: 13/09/2024

ACEITE: 11/11/2024